

ARTE E LINGUAGEM I.

Tópico 10

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

1. Abordagens metodológicas em Arte Visual.



Cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE
VISUAL
ensino

Apreciar ou Ler uma Obra de Arte não é apenas uma aproximação intuitiva e espontânea, uma abordagem deste tipo é superficial e insuficiente para produzir conhecimento. Ao longo da História várias aproximações com as Obras de Arte foram inspirando diferentes modos de observá-las, neste sentido, foram se desenvolvendo várias aproximações metodológicas capazes de observá-las sob diferentes ângulos e olhares. Cada uma destas aproximações se constitui como uma maneira de abordar uma Obra de Arte. O desenvolvimento de Métodos Científicos, levou também a Arte a buscar caminhos mais estruturados do que o do gosto.

Aos poucos surgiram teorias que se dedicavam a estudar as manifestações artísticas em geral e as Obras de Arte em especial. O desdobramento natural do surgimento de teorias dedicadas à abordagem artística chegou ao desenvolvimento das abordagens metodológicas, ou seja, condutas estruturadas para obtenção de resultados satisfatórios. Contudo, a estruturação de Métodos, de fato, ainda são problemáticos no sentido de que em Arte Visual não é possível considerar uma “linguagem” estruturada como a verbal, portanto, boa parte de tais metodologias são experimentais e/ou limitadas.

Uma das linhas de análise de Obras de Arte é rastrear o percurso das transformações visuais. É isto que caracteriza o que se chama de “Estilo” ou “Escola” e “Tendência” artística. A organização cronológica ou “Linha do Tempo” nada mais é do que uma estratégia de organização da aproximação para observar, analisar e conhecer as manifestações da Arte Visual ao longo do tempo. Um método ou percurso metodológico para o desenvolvimento dos estudos dedicados à Arte.

Outro caminho seria o de analisar o contexto social no qual tais obras são produzidas; outro ainda seria estudar a biografia dos artistas, quando possível, que produziram as obras; pode-se também analisar os motivos, funções e finalidades da produção artística ao longo do tempo em suas localizações. Outro ainda seria tomar as imagens das Obras de Arte de acordo com suas formas, aparência, elementos constitutivos e organização estrutural, enfim, há várias possibilidades, é uma questão de Escolha.

Há várias possibilidades de escolha, o importante é identificar qual é o melhor caminho para desenvolver os estudos neste campo de conhecimento.

Determinados procedimentos produzem melhores resultados que outros, mas para fazer escolhas é necessário conhecer quais são eles. Neste sentido é importante falar em Teorias, em Estética e em Metodologias. Não se constroem análises baseadas em gosto ou suposições, mas a partir de bases teóricas e conceituais. A meta desta disciplina é apresentar as possibilidades de estudo e abordagem em Arte Visual.

De um modo ou de outro, sempre que se aprecia ou se analisa uma ou um conjunto de Obras de Arte, adotam-se alguns pressupostos, sejam informais ou formais. Como já dito, a informalidade, não é o melhor caminho, portanto há que se conhecer os percursos formais, entender suas transformações e como, no contexto contemporâneo, podem ser utilizados ou aplicados. Escolher e adotar um dado caminho teórico, implica em conhecê-lo, caso contrário não se sabe onde irá chegar.

Vale citar novamente Giulio Carlo Argan que, em colaboração com Maurizio Fagiolo, publicou o *Guia de História da Arte*, livro dedicado a clarear questões gerais da História da Arte, da Pesquisa e suas fontes, Metodologias de estudo, problemas de investigação e tendências. O texto aponta caminhos metodológicos da pesquisa no campo da Arte Visual que, em síntese, podem ser indicadores de *Metodologias de Análise de Obras de Arte*. O que se constata, é que o percurso da Estética aqui descrito corrobora este conhecimento.

O conceito de Método no dicionário corresponde a: “procedimento, técnica ou meio de fazer alguma coisa, de acordo com um plano”. “Processo organizado, lógico e sistemático de pesquisa, instrução, investigação, apresentação, etc”. Portanto o Método depende da organização de percursos e estratégias para obtenção de resultados. Esta é a ideia de Método utilizada nesta disciplina. Neste sentido, as abordagens metodológicas selecionadas seguirão esta concepção e servirão de modelos para experimentação.

Seguindo o percurso elaborado pelos autores acima citados, um das primeiras abordagens que pode ser considerada como um Método que surge da necessidade de sistematizar tanto o ensino quanto a apreciação artística que se desenvolve no século XIX. Este “método” surge a partir de técnicas de peritos como o reconhecimento da autoria, do estilo do artista e de um período e se consolida na concepção de que as Obras de Arte surgem em dialogo com o seu contexto histórico, o que resulta no *Método Positivista* descrito por Hippolyte Taine em *Filosofia da Arte* de 1881.

Em oposição a ele surge o *Método da Visibilidade Pura*, desenvolvido pela Escola de Viena por autores como Konrad Fiedler, Alois Riegl, Henrich Wölfflin entre outros. Segundo essa corrente de estudo, a arte deve ser analisada, não como a história da evolução técnica, ou ainda como reflexo de um contexto sócio político, ou como a história de artistas individuais, mas sim, pelos aspectos formais típicos de um período. Neste sentido, a história da arte seria a história dos estilos, onde a forma das obras de um mesmo tempo, ou de uma mesma corrente estilística, revelam conteúdos próprios e sem relação como os temas históricos, mitológicos ou religiosos da obra. Toma a Forma como um sistema de representação e concepção de mundo e do espaço de uma época, escola ou cultura.

O Instituto Walburg, fundado por Aby Walburg, investe no Método Iconológico. Os principais pesquisadores são O próprio Walburg, Ernest Cassirer, Fritz Saxl, e Erwin Panofsky que aprimorará o processo. A proposta do Instituto era o estudo das Obras de Arte considerando que a Forma não se dissocia do Conteúdo. Se dedicam também aos estudos da imagem tomando por base a Iconologia, ou seja, a concepção de que as formas, a cor, a luz, a sombra, volume e planos constituem um todo e devem ser entendidos como portadores de significado além dos temas, assuntos e da própria visibilidade.

Com o desenvolvimento dos estudos sobre a Linguística, vários teóricos passaram a se dedicar a este campo. Estes estudos passaram a lidar com a estrutura de significação da linguagem e se chamar Semiologia, depois Semiótica. São considerados métodos Estruturalistas. A base de tais estudos se dedicam às análises das estruturas constitutivas das obras e por meio deles estabelece relações de significação e sentido. Operam por meio da análise de Signos. Entendem as manifestações artísticas a partir de organização em Significantes e Significados de cujas relações emanam os sentidos.

2. Abordagem Estruturalista ou Semiótica.

O *Estruturalismo* surge no contexto da *Linguística* como uma corrente espontânea em torno de Ferdinand de Saussure (1857-1913), cujas teorias foram organizadas a partir das anotações de seus alunos resultando no livro *Curso de Linguística Geral*, de 1916. Seus preceitos vão ser reelaborados pela Escola de Praga e pela Escola de Copenhague a partir dos trabalhos de autores como Louis Hjelmslev nos anos 1930 e 1940; por Roland Barthes, Claude Lévi-Strauss, Benveniste, Greimas, Lacan, entre outros, a partir dos anos 1950, que se desdobram na Semiótica.

Pode-se falar então numa Semiótica Estruturalista que se dedica a conceitos e estudos como dos Signos, Sentidos e Significação decorrentes de conceitos como: Arbitrariedade, Paradigmas, Sintagma, Forma e Substância, Diacronia, Sincronia, Plano de Expressão, Plano de Conteúdo, Conotação, Denotação e outros conceitos que vão de deslocar do campo da Linguística para outros campos como o das ciências sociais e para os estudos da Arte Visual, da Música, Arte Cênica, Cinema, na Indústria Cultural, como também para o campo da Comunicação e Mídias Sociais e para as relações de mercado e consumo.

No que diz respeito à Arte Visual um dos teóricos que se preocupou com a vertente Semiológica foi Umberto Eco. Vários de seus livros abordam esta questão e propõem diálogos entre as manifestações artísticas por meio de abordagens semiológicas. No livro *Estrutura Ausente*, apresenta a questão da Semiologia dedicada às análises no campo da Arte. Explica que ela aborda todos os fenômenos culturais como sistemas de signos, portanto, fenômenos comunicacionais. Neste sentido, vão se constituir e sistemas de Signos onde se pressupõe Significantes e Significados.

Nesta linha já apontei que esta dicotomia corresponderia também, no contexto da Arte Visual, à ideia de Forma e Conteúdo. Eco vai além ao relacionar o desenvolvimento das tecnologias computacionais com a Linguística Estrutural e Teoria da Informação, neste sentido, seria possível reduzir os estudos em várias áreas para a Semiologia que seria, por sua vez, uma solução metodológica capaz de atender grande parte das pesquisas nas diferentes áreas de conhecimento, inclusive da Arte. Esta pode ter sido uma das motivações que levou ao entendimento de que Arte Visual seria passível de ser observada como fenômeno de Linguagem e não como fenômeno exclusivamente estético.

A concepção básica da Comunicação parte do pressuposto de que há um Emissor, um Meio ou Mídia e um Receptor, contudo, este modelo não dá conta das variáveis inerentes ao contexto da Arte já que não basta identificar quem emite, como transita e quem recebe a informação, mas sim *como* tais informações são criadas, elaboradas, desenvolvidas e quais interferências podem sofrer entre o momento da criação e da recepção e principalmente, quem recebe e como interpreta tais informações, portanto, na Arte Visual é pouco provável que um sistema ou metodologia elaborada matematicamente, seja viável para desenvolver análises eficientes.

Eco toca na questão da Mensagem Estética admitindo que ela tem características ambíguas e autorreflexivas a ponto de não se conformar a um sistema ou método sistematizado como relação comunicativa composta de transmissão e recepção de dados. E diz: “*A mensagem com função estética é, antes de mais nada, estruturada de modo ambíguo em relação ao sistema de expectativas que é o código*”, P. 52. Neste sentido não basta identificar a informação, pois ela talvez não contemple o sentido, mas sim analisar os processos constitutivos da própria Obra, aí sim é possível depreender sentidos e significados.

Ao fim e ao cabo, Eco admite que a Semiologia e também o que entende por Semiótica, poderia vir a ser uma Estética Semiótica, aí sim, poderia trazer contribuições em recortes e análises específicas, contudo estaria fadada a analisar as manifestações artísticas como fenômenos de comunicação, o que não é o caso da Arte Visual. Por outro lado, admite que os problemas da Arte são mais bem resolvidos quando tratados no campo da Estética, como já apontamos aqui no que diz respeito ao que deduziu Baumgarten por ocasião de suas reflexões e seus estudos. Atualmente há várias abordagens Semióticas capazes de produzir boas análises de Obras de Arte, mas dependem de aprofundamento teórico em campos não artísticos.

Ao contrário de dissuadir o envolvimento no contexto da Semiótica, alerta para o fato de que, por serem várias, depende de escolha, de envolvimento e aprofundamento em uma ou outra teoria. Seja a Semiótica Discursiva de base Saussuriana e Greimasiana, Semiótica Peirceana, Semiótica Russa, além dos desdobramentos empreendidos por autores como: Umberto Eco, Louis Hjelmslev, Roman Jakobson, Valentin Voloshinov, Roland Barthes, Charles W. Morris, Thure von Uexküll, Thomas A. Sebeok, Juri Lotman, Christian Metz, Eliseo Verón, Julia Kristeva, Michael Silverstein. Como se percebe, a profusão de abordagens dificulta a escolha de um deles.

3. Abordagens Psicológicas

Outra aproximação metodológica surge da Psicologia. No início do século XX, Wilhelm Worringer propõe a Teoria da Empatia ou Identificação. Parte do pressuposto de que há obras que geram empatia Positiva (simpatia) e Negativa (antipatia). E experiência estética estaria ligada à empatia positiva e a negativa seria a ausência de empatia, portanto não interessaria às análises. Os estudos recairiam sobre as obras de despertam sensações positivas nos espectadores. Estas seriam privilegiadas.

Ainda no contexto da Psicologia, são desenvolvidos estudos relacionados à percepção, especialmente, à Visual. Psicólogos como von Ehrenfels e Wertheimer e depois Köhler, Kofka e Katz, desenvolvem os estudos sobre psicologia da Visão que irá definir a Teoria da Configuração (em alemão Gestalt), portanto a Teoria da Gestalt ou Gestaltheorie. A maior conquista destes estudos vai ser obtida por Rudolf Arnheim, em suas pesquisas relatadas no seu livro: *Arte e percepção visual*, no qual propõe um método analítico/perceptivo de interpretação das Obras de Arte.

A metodologia da *Gestalt*, apresenta quatro princípios em relação à percepção de Forma:

- 1- Tendência à Estruturação,
- 2- Segregação Figura-Fundo,
- 3- Pregnância ou boa forma e
- 4- Constância Perceptiva.

No contexto da Arte Visual, a Gestalt entende que ela se funda na Pregnância da Forma, ou seja, o todo estruturado dependente de relações e não elementos ou aspectos parcionados. A Gestalt parte do pressuposto de que as relações psicofisiológicas ocorrem a partir dos sentidos, como a visão por exemplo, mas é um processo consciente e que a apreensão sensível do olho já é automaticamente estruturada pelo cérebro, portanto, ao ver algo, isto é automaticamente configurado pelo processo fisiológico cerebral, portanto, a compreensão é imediata.

O cérebro é, neste caso, um sistema dinâmico e autorregulador, baseado no princípio da Pregnância, no qual procura sua própria estabilidade ao organizar as formas em estruturas totalizantes, unificadas e coerentes. Este sistema cerebral não depende da vontade, é natural e espontâneo, para eles não há uma relação direta entre motivação e percepção. O que se pode aceitar é que, tão logo, as configurações são obtidas, o processo de compreensão passa para outro patamar se assim for necessário. Neste sentido uma coisa é a percepção da formas e outra a apreensão de sentidos e significados.

A tendência à estruturação pode explicar como se distingue grupos de estrelas atribuindo nomes a diferentes constelações. Outro exemplo é a chamada Proporção Áurea utilizada ou reconhecida desde a antiguidade como uma garantia de “racionalidade, proporcionalidade e beleza” ou ainda a Sequência de Fibonacci, utilizada para justificar a relação da natureza com a Arte. Estes exemplos tentam explicar o motivo pelos quais há configurações agradáveis aos olhos humanos. Também explicam porque alguns períodos artísticos recorrem a eles. Explicam também porque a publicidade, os designers e criadores de marcas recorrem a formas pregnantes, concisos e de recursos óticos para produzir imagens em comunicação, informação e sinalização. A funcionalidade da Gestalt é útil.

Contudo à Arte Visual não basta ser útil é necessário ser muito mais do que isto. Há componentes sociais, culturais, étnicos, antropológicos, psicológicos e tantos outros que não podem ser reduzidos a simples configurações formais. Em parte, a Teoria da Gestalt poderia ajudar a confirmar a ideia de que as manifestações artísticas podem ser entendidas como “linguagem” já que depreender sentidos e significações de formas e cores, texturas, grupamentos, organização e desorganização formal seria possível, especialmente com relação às manifestações artísticas abstratas.

4. Rudolf Arnheim e a Metodologia da Gestalt.

Arnheim é psicólogo e desenvolve a Psicologia da Forma explicitada no livro: *Arte e Percepção Visual*, baseada Teoria da Gestalt fundada pelos psicólogos pesquisadores Max Wertheimer, Kurt Kofka e Wolfgang Köhler, no início do século XX. Gestalt, do alemão, indica Configuração ou Padrão o que os leva a defender que a melhor abordagem dos fenômenos psicológicos se dá pelo todo e não pelas partes. Os organismos, segundo eles, percebem a Gestalt e não as partes, logo, consideravam que “o todo é mais do que a soma de suas partes”. Esta teoria vai influenciar a Arte.

Para Arnheim a Teoria da Gestalt é suficiente para fundamentar e explicar como a apreensão e configuração das estruturas visíveis das manifestações em Arte Visual são interpretadas pelo cérebro. Com isto identifica uma espécie de “sistema” recorrente e inteligível. Seu trabalho acaba servindo de base para muitos estudiosos, analistas e pesquisadores para justificar boa parte das manifestações artísticas nas décadas de cinquenta e sucessivas do século passado.

Para ele o espectador de uma obra não é passivo, assume uma participação ativa na medida em que toma consciência da estrutura formal apresentada. As formas passam então a conduzir o olhar e compreender a estrutura da obra mediante aspectos configurados pela obra como: luz, cor, grafia, figuras, movimento, espaço, dimensão, tensão, distensão, contração etc. Neste sentido, Isto já havia sido intuído e tentado por Wassily Kandinsky em suas duas publicações: *Do Espiritual na Arte* e *Ponto e Linha frente ao Plano*. Contudo o trabalho de Arnheim é mais “aplicável”.

Arnheim desenvolve sua proposição a partir dos pressupostos da Gestalt, portanto parte da ideia de que a apreensão da Obra de Arte não é passiva, mas ativa e motivada pela organização depreendida pelos os olhos e organizada pelo cérebro. Suas análises recorrem a algumas categorias que envolvem elementos como: Forma, Cor, Luz, Espaço, Movimento e Expressão. Tais elementos são portadores de significado psicológicos que implicam em sensações como Tensão, Direção, Organização, Equilíbrio etc. Portanto, suas análises partem da estruturação da forma em busca dos sentidos.

É necessário alertar para o fato de que Arnheim não é artista, mas psicólogo, portanto seu ponto de vista é restrito à sua área de atuação, portanto suas conclusões se baseiam na percepção que se tem de determinadas configurações e não nas proposições artísticas como tais. Embora tenha influenciado vários analistas, estudiosos, artistas e contribuído, inclusive, para os estudos no campo das análises de Obras de Arte é necessário entender que se trata de uma abordagem psicológica. relativizar esta abordagem.

Seus estudos não se orientam pelas teorias artísticas, como a Estética, partem da observação das imagens, sejam da Arte ou fora dela, e inferem recorrências que não são, necessariamente, replicáveis em todas as situações. É preciso alertar para o fato de que esta proposta tende a valorizar o que considera “eficiente” como construção visual identificando aspectos e valores como parâmetros ou padrões para determinar se uma Obra de Arte tem ou não qualidade para ser aceita ou validada como tal. Neste sentido propõe “regras” que se tornaram anacrônicas na contemporaneidade.

Ainda hoje é comum encontrarmos pessoas que tomam seus estudos como definitivos aplicando-os a criação. Um dos campos que se beneficiou e instrumentalizou tais procedimentos foi o da comunicação visual, da publicidade e alguns segmentos do Design. No entanto, no contexto da Arte Visual ainda serve para identificar a organização de estruturas formais, mas não serve para exercer análises críticas mais profundas ou conceituais na Arte Contemporânea.

Tomando estas premissas como pressupostos, pode-se tratar a abordagem psicológica como um recurso para analisar certos tipos de Obras de Arte, especialmente aquelas que operam com imagens não figurativas e algumas que lidam com abstrações. Contudo, isto não significa um conjunto de regras aplicáveis, codificadas e decodificadas de modo lógico significativo, apenas que é uma das muitas possibilidades de análise disponíveis para aproximar-se da Arte Visual, como fez Arnheim.

Seu trabalho se destina a identificar os efeitos psicológicos produzidos pelas estruturas e organizações formais. Defende que tais efeitos determinam a eficiência e a qualidade das Obras de Arte já que o ser humano é naturalmente orientado a buscar, gostar e valorar padrões. Ou seja, é “contaminado” por padrões e lugares comuns, portanto, para que “goste” ou aceite algo como bom ou adequado, deve estar impregnado de tais valores perceptivos. Aqui entram as 4 “leis” da Gestalt.

Não se deve ignorar que seus estudos tomaram obras bidimensionais, planas e fixas ou representadas como imagens, portanto, nesta circunstância, dizem respeito a uma só parte das configurações visuais e não a todas as outras que compreendem o mundo tridimensional e suas condições cinéticas. Parte do princípio de que a *Forma* é apreendida em sua totalidade e as partes são apreendidas depois. Significa que quando se vê um quadro, vê-se o quadro todo, depois seus detalhes.

Numa configuração visual de uma paisagem, por exemplo, há uma tendência à simplificação, as massas de cores e formas são apreendidas pelo todo e posteriormente, são identificados seus detalhes como árvores, galhos, flores, frutos e demais detalhes que compõem a cena. A Forma seria então a primeira versão visível das coisas, os contornos, limites, aparência e cores. Nesta apreensão sensível, entram também o conhecimento das coisas que auxiliam a entendê-las.

Diz que os “sentidos” das formas dependem da habilidade de representação, de hierarquias espaciais e modos como as figuras são dispostas. Um dos efeitos perceptivos fundamentais defendidos por ele é o *Equilíbrio*. O Equilíbrio depende da compensação e equivalência entre as formas e as tensões visuais perceptivas distribuídas na superfície. O Efeito Psicológico do Equilíbrio é a sensação de Repouso e qualquer ruptura dele implica em “invalidação” da imagem (p.9).

Considera que a memória que se tem do mundo natural contamina o mundo das imagens e que certas apreensões perceptivas adotam a compreensão do que já se tem do mundo. Há uma tendência a continuar a orientação de uma linha ou figura além do quadro, já que a indicação direcional pode levar para fora da área configurada. Isto tende a ocorrer quando as manifestações lidam com o Espaço da imagem tomando por referência o espaço do mundo natural.

Outro efeito é o da Luz. Quando a luminosidade é construída no contexto das imagens à semelhança do mundo natural, com gradientes de luz e sombra, entende-se como luz natural, quando arbitrária, entende-se como simbólica. O mesmo é dito em relação à Cor. A proximidade ou afastamento do mundo natural faz diferença nos efeitos perceptivos obtidos. Quando se parece com a natureza é mais acessível aos sentidos, quando se afasta, menos acessível.

O uso da cor como procedimento para produzir sentidos também são considerados. O uso de cores Complementares para produzir efeitos dramáticos, opostos e dinâmicos confrontam-se com o uso de cores Análogas para estabelecer sensação de estabilidade.

Em relação ao Movimento Cinético diz que são mais atrativos ao olhar coisas que se movem em detrimento de coisas que estão paradas. Em termos de efeito perceptivo, a sucessão de elementos é um indicador de Movimento.

Considera que há composições visuais estáveis e dinâmicas de acordo com as tensões implicadas nas formas que denotam ou conotam movimento.

Por fim diz que toda Obra de Arte deve Expressar algo. Isto também implica nas experiências que se tem relacionadas aos temas, assuntos, formas e demais elementos constituintes das qualidades cromáticas e luminosas. Considera que as tensões decorrentes da configuração visual determinam a expressividade.

Contudo, com o passar do tempo e a supressão das teorias psicológicas pela Neurociência, isto acabou não obtendo resultados convincentes em todos os casos. Mesmo que a Gestalt não tenha conseguido manter-se como um processo de análise ou leitura definitivo, ainda assim é útil para avaliações das Obras de Arte no que diz respeito à sua apreciação plástico-visual. Ela é, em geral, utilizada no campo da Comunicação Visual, por conta das constatações obtidas por meio da pesquisas relacionadas à organização formal.

Atividades

Leituras Indicadas pela bibliografia da disciplina e disponível na Biblioteca central.

Leitura de textos Disponíveis em TEXTOS:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

Leitura da Revista Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

TICs

MULTIMÍDIA - com vídeos, tutoriais e podcasts:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php>

Audição do Podcast Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<https://podcasters.spotify.com/pod/show/isaac-antonio-camargo>

Questões para reforço didático e avaliação do tópico 10, subtópicos 1 e 2:

1. Em que consiste as Análises de Obras de Arte Visual?
2. Em que consiste a ideia de Método / Metodologia?
3. O que é abordagem Estruturalista?
4. O que são abordagens Psicológicas?
5. Em que consiste a abordagem de Rudolf Arnheim?